



Rachel Guedes/ Divulgação

Levin consegue tudo com elegância

Em apresentação memorável, Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santoro exibe exato senso de estilo em Campos do Jordão

Lauro Machado Coelho

Pela primeira vez, fora de Brasília, pôde-se ver a Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santoro que, desde o início do ano, tem Ira Levin como seu diretor artístico: ela se apresentou quinta-feira no Festival de Inverno de Campos do Jordão. E pôde-se constatar o salto de qualidade, em relação à fase anterior, registrado pela orquestra desde que o seu novo regente assumiu. Num programa iniciado com o classicismo austríaco, que chegou até o pós-romantismo nórdico e o nacionalismo brasileiro, evidenciou-se o exato senso de estilo com que Levin fez a orquestra abordar cada peça.

Transparência de texturas, leveza de fraseado marcaram a Sinfonia N° 82 em Dó Maior, a primeira da série parisiense de Joseph Haydn, chamada 'o Urso' devido ao tom circense de seu dançante finale. O tom marcial do Vivace assai inicial, as duplas variações do Allegretto, a sutileza de orquestração do Minueto prepararam a explosão de sonoridades do Vivace em que, à elegância das cordas, respondeu a precisão das madeiras. Nesse movimento final, um dos mais surpreendentes dentro do

vasto edifício sinfônico haydniano, Levin e a OSTNCS chegaram a um nível invejável de polimento na execução.

Sem ser exatamente música da melhor qualidade, o Concerto em Mi Bemol de Johann Nepomuk Hummel, que começa com um corte mozartiano e se encerra com arroubos já pré-românticos, oferece ao solista possibilidades técnicas de que a jovem trompetista inglesa Alison Balsom soube tirar o mais brilhante partido. Seu legato perfeito fez cantar, no Andante, a elegíaca linha melódica de natureza vocal. Mas foi com os fogos de artifício do Rondó final que Balsom fez uma espetacular demonstração de virtuosismo.

A sensual Dança de Negros com que se abriu a segunda parte constituiu uma homenagem ao centenário de Camargo Guarnieri. Mas viria, em seguida, o ponto culminante da apresentação: a Sinfonia Nº 4 de Carl Nielsen, verdadeiro hino à vontade de viver cuja estrutura, em movimentos encadeados, justifica o título de 'Inextinguível'. Aqui, Levin demonstrou como pôde extrair de sua orquestra as mais sutis gradações expressivas: os crescendos convulsivos e fortísimos incandescentes do Allegro, opostos a súbitos pianíssimos; o doce canto do oboé contra cordas em pizzicato, no Poco Allegretto; o diálogo dramático dos címbalos que, segundo a indicação de Nielsen, devem ser colocados em pontos extremos da orquestra. Nesta peça, em especial, pôde-se constatar a qualidade dos metais da OSNTCS, aos quais incumbem passagens de extrema complexidade.

O lirismo intenso de Nimrod, a mais bela das Variações Enigma, de Elgar, foi, finalmente, um extra perfeito para colocar o ponto final num excelente concerto.

'Lohengrin', o triunfo de Ira Levin

Maestro extrai da Orquestra Sinfônica Municipal uma execução de nível excelente

Lauro Machado Coelho
Especial para o Estado

Depois das bobagens desanimadoras do *Romeu e Julieta* e do *Don Carlos*, é reconfortante assistir a uma montagem como a do *Lohengrin*, que estreou sexta-feira no Teatro Municipal. Bom gosto e senso do efeito teatral simples e eficiente comandam a concepção de Cleber Papa, apoiada nos figurinos muito adequados de Howard Lloyd. Um mesmo dispositivo cênico, um arco quadrado, recebe utilização flexível, sugerindo os diversos ambientes em que se desenrola a história, e aos quais o desenho de luz de Wagner Pinto dá o relevo conveniente.

Em posição excêntrica, depois retificada, esse arco evoca a situação confusa em que a morte do antigo duque deixou o Brabante, assediado pelos invasores húngaros, e da qual o resgata a chegada do misterioso Cavaleiro do Cisne. O mesmo módulo sugerirá, em seguida, a fortaleza de Antuérpia, a câmara nupcial, e a planície do início, às margens do Rio Escalda, onde a narrativa começou. O resultado é de efeito plástico bonito, fiel à natureza da ópera sem ser de um tradicionalismo superado, inteligente; em suma — um produto raro, nestes tempos de montagens operísticas carregadas de pseudocriatividade das mais discutíveis.

Este *Lohengrin* é, sobretudo, um espetáculo equilibrado, em que, a um elenco de qualidades homogêneas, respondem o desempenho muito convincente do Coral Lírico e a participação da

Sinfônica Municipal que — superados os tropeços extramusicais que agitaram a véspera da estréia — tocou com total envolvimento, contribuindo muito para o rendimento elevado do conjunto.

É um *Lohengrin* que se apóia, sobretudo, na excelente prestação de seu trio de vozes graves: os baixos José Gallisa, imponente como o Arauto, e Stephen Bronk, cheio de nobreza, sabendo expressar muito bem os conflitos com que se depara o rei Henrique; e o barítono Lício Bruno, que domina cênica e vocalmente a parte complexa de Telramund, não construindo de-

ESPETÁCULO TEM UM RITMO DRAMÁTICO ÁGIL, TENSO E FLUENTE

le um perfil de vilão monocrômico, mas deixando claro como ele também é vítima da manipulação de Ortrud, a sua mulher. Bronk e Bruno foram, sem dúvida alguma, as duas melhores presenças em cena.

O russo Leonid Zakhójiéiev é o típico tenor eslavo, de voz clara, nasalada, de ressonâncias um tanto metálicas, reminescente de Kozlowski ou Lemeshev, os grandes nomes dessa escola. É voz de um colorido e um tipo de empostação que não corresponde, de início, ao tenor dramático que nos acostumamos a ouvir nesse papel. Mas Zakhójiéiev é um cantor de boa técnica, sem maiores problemas com a tessitura da par-



ELENCO - Qualidades homogêneas dos cantores dão equilíbrio ao espetáculo

te e, apesar de seu domínio apenas aproximativo do alemão, ofereceu do personagem uma leitura de envolvimento gradualmente crescente, que culminou num bonito dueto de amor, no início do terceiro ato, e numa boa execução do monólogo "In fernem Land", quando Lohengrin se identifica, na cena final.

Graciela de Gyldenfeldt, cujo timbre é bonito e delicado, é uma intérprete correta de Elsa, às ve-

zes demasiado discreta, e tendendo a ficar em segundo plano em relação à orquestra ou a seus colegas de elenco. Mas a soprano argentina não é má atriz, e possui qualidades vocais que, no decorrer das récitas, podem dar relevo maior à sua personagem.

Quanto a Leila Guimarães, suas notas graves sustentadas exibem forte vibrato, alguns agudos saem arranhados, algumas frases mais pesadas são praticamente

gritadas. Mas ela é uma intérprete inteligente, que sabe colocar essas deficiências a serviço de uma caracterização forte e convincente de Ortrud, cujo caráter malévolamente ela sabe muito bem transmitir. Marcante nas cenas do segundo ato com Telramund e, depois, com Elza, Leila teve momentos de grande impacto na invocação que faz aos deuses pagãos, por exemplo, ou na cena em que se interpõe à entrada de

Elsa na igreja, e cobre de acusações o cavaleiro desconhecido.

Mas esse *Lohengrin* foi, sobretudo, um triunfo para o regente Ira Levin que, desde os primeiros acordes do Prelúdio famoso, com suas mágicas cordas divididas, soube conquistar a atenção do público. Levin extraiu da OSM execução de excelente nível — uma das mais bem acabadas a que já se assistiu, durante a sua gestão no Municipal — e deu ao espetáculo um ritmo dramático ágil, tenso, fluente. Não se trata apenas de ele ter sido bem-sucedido em passagens instrumentais óbvias, como o exuberante Prelúdio do terceiro ato; mas de ter dado à partitura uma leitura integrada, e de ter compreendido bem a função narrativa do comentário orquestral. É o caso, por exemplo, do efeito obtido no pós-lúdio à cena entre Elza e Ortrud, durante o qual Telramund assiste ao resultado do trabalho de manipulação feito por sua mulher.

Trabalhando com muito cuidado as nuances desta ópera que, encerrando a primeira fase da obra, já mostra um Wagner musico-dramaticamente maduro, Levin e a OSM, apoiados num bom elenco e na montagem sensível e sensata de Cleber Papa, fizeram jus a uma ópera que São Paulo viu pela última vez 64 anos atrás. ■

→ **Serviço**
Lohengrin. Teatro Municipal (1.464 lug.). Pça. Ramos de Azevedo, s/n.º, centro, 222-8698. Hoje e dom (28), 17h; 6ª (26), às 19h30. R\$ 30 a R\$ 100.